

Agronomia: azul ou rosa? O significado das cores (e) das vestes nas profissões¹.

Gutemberg Armando Diniz Guerra

Togas, becas e uniformes distintivos profissionais

A disciplina *Epistemologia e metodologia científica* é ministrada para os alunos dos cursos de Engenharia Agrônômica, na Transamazônica, municípios de Marabá e Altamira, nos primeiros semestres da formação. A proposta é de que possa oferecer elementos para a crítica dos conteúdos a serem trabalhados e a possibilidade de produção e ajustes adequados para a apropriação de tecnologias no mundo profissional onde vão trabalhar. Uma das estratégias utilizadas durante o curso é de estimular as manifestações dos alunos e interagir com eles, trabalhando cada uma das idéias colocadas em sala de aula, na perspectiva de demonstrar como estas idéias são construídas. Neste sentido, costuma-se dizer que naquela disciplina, "vale tudo, desde que tudo seja canalizado para a apreensão dos conteúdos propostos". A técnica funciona no sentido de desfazer bloqueios e provocar a manifestação livre de cada um. A motivação para este artigo foi uma discussão, neste contexto da disciplina, entre estudantes do 1º ano do Curso de Engenharia Agrônômica da Universidade Federal do Pará, em Altamira, sobre a cor da camisa que seria confeccionada para o grupo. Primeira manifestação da construção de sua identidade enquanto grupo, a elaboração de uma camisa traduz vários significados em si mesma e suscita várias interpretações. Demonstração de orgulho por ter entrado e estar cursando a universidade? Manifestação de apreço à conquista realizada e à perspectiva promissora que se abre com uma profissão definida e representada positivamente do ponto de vista social? Demonstração de coesão do grupo, capaz de elaborar os seus próprios símbolos¹? Manutenção de uma tradição dos cursos universitários em geral e da Universidade Federal do Pará, em particular? Inserção dos estudantes na tradição de exteriorização da identidade universitária?

As camisas, em si mesmas, de tecidos comuns, ordinariamente confeccionadas em malha de algodão com mistura de sintéticos, capazes de resistir apenas a alguns meses de uso freqüente, não têm nenhum caráter ostentatório pela qualidade ou marca de alta costura. Ao contrário, indicam, do ponto de vista econômico, a possibilidade de acesso para qualquer um dos membros do grupo, independente de sua classe social. Nos países frios, em décadas passadas, não passariam de roupas internas (*maillot de corps*), mas vem sendo utilizadas nas últimas décadas e nos países quentes de maneira generalizada pelos jovens. São confeccionadas com o espírito misto de uniforme² e toga. Uniforme no sentido de representação de uma corporação, com todo o significado distintivo e de dignidade que ele comporta. Seu significado maior está na representação proposta de insígnia³ universitária indicadas pelo nome e símbolo do curso, na associação simbólica que as pessoas possam fazer do grau de ascensão social que o seu portador quer fazer passar. Neste sentido, a camisa de universitário é uma beca⁴, uma toga⁵, um manto, um sinal exterior de uma autoridade que o distingue pelo mérito do esforço intelectual materializado pela disputa em

¹ Publicado no livro: *Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade*. LIBANEO, J.C & SANTOS, Akiko (orgs). Campinas,SP: Alínea, 2005.

um concurso público, em um universo amplo. É assim que os alunos de Engenharia Agrônômica, discutindo a sua indumentária, aplicavam, sem saber, o conceito de conversão semi-ótica⁶, transformando-a em portadora de plenos significados, a despeito da pobreza do tecido.

Aqui posso reforçar a reflexão sobre os significados da indumentária com um depoimento biográfico, por ter sido calouro de Engenharia Agrônômica, em 1973, na Bahia. Lembro da primeira camisa com o símbolo do curso, elaborada, naquela época, sem discussão nem debate. Um colega, sentindo o potencial mercadológico do produto, fabricou uma centena delas e ganhou uns trocados a mais com o seu trabalho. A vestimenta se transformou praticamente em um uniforme, complementada com as calças jeans desbotadas da época. Tinha um erro de acentuação no nome da profissão⁷, o que em nada diminuiu ou inibiu o uso. Ao contrário, o erro virou motivo de riso, de provocação e... de identidade.

No caso da turma de estudantes na Bahia, a roda dentada, símbolo das engenharias modernas, foi o motivo do questionamento por alguém externo à categoria profissional, mas da mesma área das ciências biológicas, onde o curso estava enquadrado na época. Uma das professoras de Botânica provocou: "_ Por que uma engrenagem e não uma flor?". A turma, masculina em sua maioria⁸, protestou. Onde já se viu que os engenheiros agrônomos tivessem como símbolo uma flor? A roda dentada representava a máquina, a transmissão de movimento mecânico, a força, a modernidade. A flor era efêmera, frágil e passageira. Naquela geração não se aceitava a flor simbolizando a Engenharia Agrônômica pelos mesmos argumentos levantados em Altamira contra a cor de rosa⁹. Os estudantes de Altamira, também questionaram o símbolo do emblema, havendo quem propusesse um outro, rapidamente massacrado, triturado pela tradição da roda dentada. O cerne da discussão, acalorada e longa, era a cor da camisa. Alguém teria proposto a cor de rosa para substrato, ao invés do branco, ou do azul. Associada ao gênero feminino (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 107), a discussão não absorveu o sentido em 1973, quando de um total de 120 componentes do grupo, apenas 5 eram do sexo feminino. Já em Altamira, se considerado o grupo em que a rósea proposta teve origem, a turma tinha a quase metade de mulheres como integrante. O que mais chamava a atenção era o envolvimento emocional dos postulantes por uma ou outra cor, atribuindo-lhe um significado simbólico que se expressava nos argumentos, sérios ou carregados de ironia. Ressaltava-se, em pleno curso de Epistemologia, o conteúdo simbólico que se pode atribuir às cores e da força que esta construção social possui, do poder que transmite, da energia que desprende. Deixemos em suspenso a cor rosa ou azul da Agronomia e vamos buscar entender o sentido para esta reflexão em outras searas.

Pintando as sete cores do arco íris

Parte-se do princípio de que a Epistemologia é uma disciplina que pretende discutir como as idéias são construídas e como adquirem maior ou menor significado e densidade na sua relação com o mundo concreto. Mais ainda, pode-se discutir nesta disciplina como os significados ganham autonomia e se reproduzem ao longo e através de gerações, consciente ou inconscientemente. O que interessa no significado das cores é como uma idéia pode ser associada a uma delas e como, embora abstrata, essa associação ganha concretude. A discussão sobre a cor da camisa feita pela turma de estudantes do 1º ano de Engenharia Agrônômica em Altamira serviu de provocação, mas continua inevitável o embate que se enfrenta todos os dias com as cores e seus significados. Propõe-se a

discussão sobre este assunto na perspectiva de fazer o exercício da descoberta de como as idéias se constroem, ganham força e poder sobre o homem e como os homens reproduzem e se submetem ou se rebelam contra as idéias. A universidade é o lugar da reflexão crítica, do rompimento de fronteiras, da construção de novas idéias e novas formas de melhor viver e conviver com o outro e com o universo (natureza). Para isso vale a pena não ficar apenas no azul e rosa, expressão simplificada, reduzida, da bipolaridade entre masculino e feminino (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 107), mas discutir o significado das outras cores. O arco-íris é uma bela representação do leque que podemos ter delas, mas apenas pela decomposição da luz. Mesmo ele é insuficiente para uma discussão adequada no sentido que estamos propondo, e por isso não vamos usar necessariamente todas as suas cores.

Descolorindo

Esta discussão poderia começar com a piadinha do maníaco que associava cada uma das páginas do mostruário de cores que lhe apresentava o médico a um objeto que lembrava mulher e mulher atiçava, invariavelmente, o desejo sexual do paciente. O médico teria lhe recomendado repouso, e uma viagem para uma praia distante e paradisíaca. Ele aceitou o conselho, condicionando o seu atendimento a que o médico lhe emprestasse aquele magnífico livro erótico, o mostruário de cores. Ainda que não seja exatamente assim no campo da normalidade, as cores sempre nos atizam algum tipo de associação. Mas o que é a cor? O que são as cores? Poder-se-ia ficar no significado físico, dicionarizado com diversas acepções, sendo no campo da ótica definido como

característica de uma radiação eletromagnética visível, de comprimento de onda situado num pequeno intervalo de espectro eletromagnético (q. v.), a qual depende da intensidade do fluxo luminoso e da composição espectral da luz, e provoca no observador uma sensação subjetiva independente de condições espaciais ou temporais homogêneas. [Contrapõe-se ao branco, que é a síntese dessas radiações, e ao preto, que é a ausência de luz.](HOLANDA, s/d).

Sendo mais explícito ainda "contrariamente a nossa impressão espontânea, a cor – bem como a luminosidade – não está nos objetos, mas em nossa percepção" (AUMONT, 1995: p. 25).

Nestas definições nos deparamos com a primeira dificuldade que é a sensação subjetiva, ou seja, a sensação pertencente a um sujeito e que pode variar de um para outro sujeito. O segundo problema que se pode extrair desta definição é a que coloca o branco e o preto como não cores, do ponto de vista desta definição, embora a síntese das radiações ou a ausência delas provoque uma sensação associada à subjetividade visual. O conceito precisa de uma segunda acepção que dá conta de que a cor é *o aspecto dos corpos decorrente da percepção daquelas radiações pelo órgão visual, determinado, basicamente, por suas variáveis (a fonte de luz e a superfície refletora, um objeto colorido), e que tem como atributos principais o matiz, a luminosidade e a saturação*(HOLANDA, s/d). Poder-se-ia ficar satisfeito com a fusão ou combinação das duas acepções, mas as cores podem provir de *matéria corante (pigmento, tinta, etc.) existente na natureza ou obtida quimicamente, inclusive o branco, o preto e o cinzento* (HOLANDA, s/d). Isto ainda seria insuficiente quando se trata da aplicação que se faz delas no mundo concreto, propondo-se representações da natureza ou de fatos sociais. As cores ganham mais do que significado visual, incorporando significados simbólicos que podem ser usados com muita intensidade nos processos de comunicação entre os homens. Neste sentido, mesmo se "a cor é um fenômeno físico, mas sob o ponto de vista das vendas, cor é gente", diz Danger (1973: p.

4). O mesmo autor explica essa importância no campo do mercado pelo fato de que o "colorido fala às emoções" (Idem: p. 5). O campo das associações é vasto para esta reflexão.

O branco e o preto

Expressões maiores da bipolaridade, assumindo muitas vezes sentido de bem e de mal, estas duas formas de expressão visual são emblemáticas. O branco da neutralidade, da igualdade, da paz, da virgindade (porque as noivas se casam de branco?), de inocência (por que os caixões de defuntas crianças são brancos?), de amor paternal (por que os pais dão rosas brancas às suas filhas?), o branco pode ter vários significados. Na área da saúde, uniformes brancos identificam hospitais, médicos, enfermeiros (DANGER, 1973: p. 27) traduzindo-se em assepsia.

Na identificação étnica ficou como um símbolo de superioridade quando do domínio europeu sobre o mundo, atribuindo-se outras cores aos outros povos. A quem atribuir esta associação de raça e origem às cores? Branco, puro branco, não existe mesmo ninguém, nem amarelo, nem vermelho, mas os termos de positividade ou irônicos aparecem sempre que em uma disputa possa ser identificado o outro pela sua expressão fenotípica. Ariano, claro, alvo ou, simplesmente o termo vago, mas positivamente associado como o "de qualidade" são eufemismos utilizados para esta atribuição étnica associada à cor. O homem branco também recebe epítetos pejorativos como branquelo, esbranquiçado, desbotado, enferrujado, caso a disputa ganhe dimensões desvalorativas. A resistência negra se fez de forma vária e dela pode-se ter uma bela expressão no poema de Luiz Peixoto:

Preto e branco

Diz que esses branco¹⁰ de agora

Tem raiva dos prêto inté...

Pois oia, o que é bão é prêto:

prêto é o diamante, o café.

Prêto é o oiá de Maria,

esposa de São José.

Preta é a tinta que escreve

e dá valô aos papé.

Prêto foi São Benedito,

que os branco faz tanta fé.

Prêto é o carvão que dá fogo

e sai pelas chuminé

pra dá trabaio pros home

assustentá as muié.

Preta é a jabuticaba

muito mais doce que o mé.

As pena do cisne é preta,

pena de amô também é.

Mas a vingança dos prêto,

deixa fala quem quisé,

é que Deus fez eles branco,

mas foi na sola do pé!

(PEIXOTO, 1964: p. 3)

O branco é dicionarizado como sendo a *impressão produzida no órgão visual pelos raios da luz não decomposta* (HOLANDA, s/d), podendo ser traduzido como fusão de todas as cores. *Rigorosamente, no sentido físico, o preto é a ausência de cor, como o branco é o conjunto de todas as cores* (HOLANDA, s/d). Esse tipo de representação leva a associações imediatas e valorativas em todos os níveis. Isto se consolida na idade moderna com o massivo processo de escravização africana no bojo da expansão capitalista determinando

uma clivagem social profunda, permitindo representações perversas como: "Branco é culto, negro inculto, branco é luz, negro é trevas, branco é festa e negro é luto, morte, medo, desconhecido". Nesta associação de bipolaridade do branco associado a valores positivos e negros a negativos, cabe uma profunda reflexão de como se formaram estas idéias e significados. Do ponto de vista ético e étnico, o filão a explorar é valioso, mas este texto não tem a pretensão da exaustão.

Combinação de tonalidades entre as duas cores, o cinza simboliza a dignidade e a calma, segundo Danger (1973: p. 27), embora existam atribuições ligando esta tonalidade à melancolia, depressão ou a imortalidade da alma (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 107).

O azul e o vermelho

O azul me vem na cabeça pelas primeiras representações feitas na escola primária para explicar o pavilhão nacional. O azul representando o céu do país, onde os estados apareciam como estrelas, era substrato simbólico da felicidade, do contraste com o brilho dos astros na bandeira do país. Nela o céu tem um significado vago, para mim, mas que a gente aprende a respeitar como se fosse único, diferente de todo matiz existente de azul. Carregado de subjetivo, o nosso azul, apesar de tudo, sempre me pareceu frágil.

São várias e antigas as possibilidades de associação do azul. "... com a lei, por exemplo, data do tempo dos romanos, quando os magistrados usavam mantos azuis. A expressão púrpura 'real' é da mesma época" (DANGER, 1973: p. 27).

Muitas dessas associações possuem uma base mais racional - azul com o mar e com o frescor, verde com os campos, amarelo com o sol e assim por diante. Algumas delas têm aplicação muito prática no sentido comercial, por que podem ser usadas para sugerir uma atmosfera ou criar um impulso. O uso do vermelho para sugerir calor já foi mencionado. Alguma das associações mais comuns incluem:

Vermelho: calor, paixão excitação, fogo, inverno (*ou inferno?*)¹¹

Azul: frescor, água, mar, verão, homens. (DANGER, 1973: p. 27).

... Azul: polícia, correio aéreo, marinha. (IDEM).

Na Igreja Católica aprendi que o azul representava a virgindade nas imagens de Nossa Senhora. Combinado com o vermelho fazia a dialética representação da concepção de Maria sem a quebra da virgindade. Isto foi suficiente para me convencer da forte presença do azul na representação iconográfica da mãe de Jesus Cristo e da força que esta cor assumiu no universo religioso. Comecei a observar com mais atenção este uso e ele continua forte em minha idéia, quando me reporto ao espaço de representação da cultura mariana. Confesso que o vermelho me impressiona muito mais como símbolo da maternidade, talvez porque tenha crescido no tempo em que o vermelho era associado ao comunismo, inimigo da fé. Pior, o vermelho era associado ao sangue e à morte violenta, do mesmo modo que se tentou fazer significar os símbolos comunistas da foice e do martelo. Demorei mais tempo para compreender o significado do vermelho do que o das ferramentas da insígnia comunista. A foice da colheita no campo, símbolo da prosperidade agrícola e o martelo da forja operária perderam o espectro da morte mais cedo do que o vermelho da força e da beleza. Pode ser até que eu tenha lido algo a respeito antes, mas tenho consciência da mudança, "caiu a ficha", como se diz entre os jovens, quando visitei a Rússia, já depois da queda do muro de Berlim. No Museu Ermitage, em São Petesburgo, aprendi o significado do vermelho para os russos, mesmo antes da revolução de 1917. Energia, força, beleza, são valores encarnados pela cor do sangue e da maternidade. Compreendi também a força da religião ortodoxa entre eles, capaz de atravessar os 70 anos de socialismo real e continuar existindo com sinais exteriores impressionantes no gestual,

na oratória e no visual. Talvez porque o mundo católico tenha se rendido mais cedo e perdido o vermelho para os comunistas, ou talvez porque os comunistas tenham sido mais eficientes no uso dos recursos semi-óticos, o fato é que me surpreendia e me incomodava esta associação do vermelho com a imagem servil e mansa da Virgem Maria. Não foram apenas os russos que usaram o vermelho com esta conotação e sentido atravessando tempos de fé e ateísmo. Religiões de inspiração budista usam cores encarnadas que representam o fogo, luxo e esplendor (BRUCE-MITFORD, 2001, p. 107), e são interpretadas como atrativos de energia e bons fluidos. O vermelho carrega ainda os significados da proibição e da penalidade no nosso cotidiano, como no sinal de trânsito, no cartão vermelho que penaliza faltosos no jogo de futebol com a expulsão. No âmbito do ensino, o uso da caneta ou lápis vermelho para correção de textos é traumático para alguns estudantes, mesmo não tendo eles vivido os tempo em que esta prática era muito mais presente. O vermelho pode representar ainda o fogo, e em alguns lugares os correios (GPO: General Poste Office = Correio Geral) (Danger, 1973 p. 27). Na Inglaterra, em Londres, os ônibus, táxis e as cabines telefônicas são vermelhos, constituindo-se em ícones da cidade, vendidos em miniatura nas lojas de lembranças turísticas.

Três filmes sobre as cores da bandeira francesa associam o branco, o azul e o vermelho respectivamente à igualdade, liberdade e fraternidade, símbolos da revolução de 1789.

Para nós, brasileiros, o azul lembra algumas derrotas fragorosas no futebol. Na copa de 50 o Brasil perde a partida final, no Maracanã, para o Uruguai no seu uniforme azul celeste. Em 1998, na Copa do Mundo, os franceses bateram a seleção canarinho (amarelo ouro), incentivados pelos gritos de *Allez, les bleus!* (Vai, azuis!). Os argentinos e italianos, fortes adversários neste esporte, se identificam pelo azul. Em Belém, no Pará, os dois adversários emblemáticos têm o azul celeste (Paysandu) e o azul marinho (Remo) nos seus uniformes e estandartes, marcando ali uma rivalidade entre o céu e o mar.

No esporte e na política, os usos simbólicos das cores são muito importantes. Em Parintins, município do Estado do Amazonas, a disputa entre duas associações de boi-bumbá que se manifestam na quadra junina, se faz representar pelas cores azul e vermelho, dividindo a cidade entre as torcidas dos Bois Garantido e Caprichoso.

No Estado do Pará, na eleição para Governador do Estado, em 2002, a candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) e seus correligionários falavam da estrela e da onda vermelha impulsionada pelo partido no nível majoritário, enquanto o candidato do Partido Social Democrata (PSDB) se contrapunha apelando para a estrela azul da bandeira do Estado do Pará, fazendo um aceno aos sentimentos nativistas dos eleitores.

A Engenharia Agrônoma têm no anel da profissão uma pedra azul, a safira. Uma roda dentada azul é o símbolo dos conselhos profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA). Lembram o azul dos enxovais de crianças masculinas, numa ligação psicanalítica inevitável. Azul ou rosa? Menino ou menina? É daí, certamente, que veio a reação dos alunos de Altamira, detonador desta discussão...

Em algumas turmas se tem uma forte preocupação com a manutenção da representação de virilidade dos profissionais da área. A presença feminina no curso não chega a ser exatamente a ameaça, mas a associação que possa ser feita com as opções sexuais dos membros do grupo majoritariamente masculino, diluídas no mundo moderno pelo reconhecimento de outros modelos de prática sexual. A existência de homossexuais no curso e na profissão, em si mesma, também não parece ser o problema, mas a possibilidade

que o curso e a profissão possam ser associados a essa ambivalência, ou indefinição, incomoda.

O amarelo

O amarelo adjetivado positivamente é associado ao ouro do pavilhão nacional brasileiro, símbolo de uma riqueza que definiu toda a economia de uma época do país, o ciclo do ouro. Foi incorporada como marca nos uniformes da equipe nacional de futebol, carinhosamente apelidada de canarinho¹², a mais vitoriosa do planeta nesta modalidade esportiva. O amarelo-ouro tem um significado de brilho, de força, de valores muito positivos para os brasileiros, quando se trata de esporte, em particular o futebol, mas também extensivo aos outros esportes cujo uniforme utilizado tem sido predominantemente amarelo. Ainda no domínio dos esportes, nas premiações feitas com medalhas de ouro (amarelas), prata (brancas) e bronze (marrons?), o amarelo se reforça como significante positivo.

No conjunto de exemplos de associações que Danger faz das cores com as pessoas, o amarelo representa "sol, calor e alegria" (DANGER, 1973: p. 27).

A cor amarela pode também ser associado à fraqueza. Diz-se de alguém que hesita diante de uma dificuldade que amarelou ou desistiu, por medo, de enfrentar situação perigosa e/ou difícil. Assume, então, o sentido de acovardar-se. Para este segundo sentido, uma interpretação semelhante é a de comportamentos conciliadores, ou colaboracionistas no sentido de traição (BRUCE-MITFORD, 2001) ou de pouca firmeza de princípios como é o caso dos sindicatos pelegos na França, chamados de sindicatos amarelos¹³.

No domínio da política, o amarelo tem o seu espaço de interpretação igualmente contraditório. Exemplificando, relembra Epstein que:

Um outro símbolo, este mais recente, é o da cor amarela significando o anseio da maior parte da população do país: Diretas Já. Mais que as próprias eleições, que tornaram-se um símbolo, o amarelo simbolizou o desejo de mudança política (Epstein, 1991: p. 72).

Na campanha eleitoral de 2000, em Belém, o vermelho vitorioso desde 1996, do Partido dos Trabalhadores (PT) na gestão municipal, foi ameaçado pelo amarelo do candidato apoiado pelos partidos identificados à direita e ao centro, na eleição de 2000. Subliminarmente podia ser associado ao sinal intermediário dos semáforos pedindo atenção (DANGER, 1973: p. 27), ou aos conteúdos emprestados da política francesa. Vestir com dominante de uma ou outra cor na indumentária, antes, durante ou mesmo depois do período eleitoral, podia significar uma declaração de voto. A disputa se expressava não apenas nas cores, mas também nas palavras, forçando-se a interpretação do vermelho ao comunismo agora associado à decadência da União Soviética combalida econômica e socialmente. Em outra alusão negativa, um *slogan* dos amarelos acenava para "tirar Belém do vermelho" em uma clara associação ao uso contábil da cor. Em 2004, a disputa se renovou entre os mesmos partidos e as mesmas cores. Vencedores, os amarelos tomaram posse em Janeiro de 2005 e os uniformes antes vermelhos dos funcionários da Prefeitura, em particular os da limpeza pública e de controle do trânsito, foram imediatamente trocados por uniformes amarelos.

O Verde

Com o amarelo, esta é uma das cores mais representativas da bandeira nacional brasileira por conta da presença histórica de florestas em abundância no território do país, e em particular e mais recentemente, na representação da Região Amazônica. Sobre esta cor, a literatura nacional e internacional é pródiga¹⁴. Danger a relaciona com o campo, o frescor, o descanso e a primavera (DANGER, 1991: p. 27). Castigados pela seca, no Nordeste, os movimentos migratórios de caráter messiânico em determinada época da história do país se identificava como bandeira verde (VIEIRA, 2002). Reforça-se por isso o sentido de esperança atribuído a esta cor. O cancionero popular é pleno de referências ao verde como signo de abundância¹⁵ e esperança de tempo bom para a produção¹⁶. No Rio de Janeiro, a Mangueira, escola de samba que associa o verde e o rosa é um ícone da cidade e do estado. Nos desfiles carnavalescos, as cores são elementos obrigatórios de sinalização no caso desta agremiação.

Os Partidos Verdes no Brasil e no mundo surgem associados à idéia crescente do ambientalismo e se identifica como o partido ecológico. Na Alemanha, onde surge primeiro, ocorre no bojo e como crítica aos efeitos da Revolução Verde¹⁷ na agricultura. De fato o respeito ao meio ambiente se impôs e não há partido que não considere em seu programa esse elemento paradigmático do mundo moderno. Curiosamente ele surge, como a maioria dos partidos, nas áreas urbanas, de ambiente mais degradado e com os maiores problemas de saneamento e de poluição, mas a referência é um apelo de volta a uma relação respeitosa com a natureza representada pela mata (verde), pelo mar (verde) e tudo o que eles contêm. É o único partido que tem a denominação identificada por uma cor, embora historicamente os partidos comunistas sejam conhecidos pela identidade com o vermelho e tenha havido épocas em que os partidos fascistas se identificavam pelas camisas uniformes pretas, na Itália, e verde, no Brasil.

Se voltarmos para outros usos do verde no cotidiano, pode-se constatar nos semáforos que a cor está associada à passagem livre, sem perigo, indicando que se pode prosseguir. Siga! (DANGER, 1973: p. 27).

As pedras verdes estão associadas às profissões da área biológica e da saúde e por isso são elas que se incrustam nos anéis dos profissionais destas áreas.

Colorindo

Além da definição física verifica-se que muitos sentidos, positivos ou negativos, podem ter as cores nas representações e contextos feitos em cada época, passada, atual ou futura. Estes significados podem ser dados e demonstrados em manifestações dos partidos ou movimentos políticos, das agremiações culturais e recreativas, das confissões religiosas, e nas festas de qualquer uma destas vertentes. Associam-se aos símbolos heráldicos e se imprimem no imaginário, criando entidades e identidades. Nas religiões afro-brasileiras as cores são elementos identitários e demarcadores da filiação mística aos deuses, santos e entidades. As pessoas se vestem conforme a cor do seu santo. Os partidos socialistas e comunistas continuam a tradição do vermelho, se reportando aos conflitos de classes, associados a signos de esperança de novos tempos (estrela, rosa, lua crescente, foice, martelo). São confrontados por outras cores e símbolos como o branco (da paz) e da conciliação colorida (arco-íris, tucano), que passam uma idéia do sentido de classe, mas também de aliança, mestiçagem¹⁸ e anomia. Na política, a disputa é fundamentalmente no

campo das idéias e das representações, e por isso, se disputa, também, a apropriação dos significados das cores e dos signos.

No caso da Agronomia, embora a discussão não pareça ter nada de fundamental, encerra uma questão de fundo, qual seja o caráter de associação sexual que é dado à profissão. Certamente que soluções intermediárias podem ser encontradas, pois que existem camisas pretas, vermelhas, verdes, abóbora, azul e rosa que possam lhe servir de suporte. A cor da rosa pode ser utilizada pelas mulheres ou pelos homens que não se importem com o julgamento que possam fazer de sua opção sexual ou que osem dar uma nova interpretação e leitura à cor. Quanto à posição de um grupo com a perspectiva de se fazer representar com uma opção definida, o que parece evidente é que o azul será defendido como a cor símbolo da profissão, de sua identidade masculina, viril, ainda que a discussão permaneça em aberto. Se considerarmos que o aumento da participação feminina na profissão tem aumentado, será inevitável aceitar a possibilidade de representação da cor de rosa nas representações da profissão, da mesma forma que o verde do ambientalismo invadiu praticamente todos os campos e violentou o muro (BRANDÃO, 1984).

Quaisquer que sejam as mudanças ou permanências nestas formas de representação, a proposta deste exercício continua o mesmo: o de não perder a perspectiva de que tudo é construído conforme o seu contexto e circunstâncias.

Notas

¹ Adota-se aqui o conceito de símbolo explicitado por Epstein. Para ele os "símbolos são concentrações de idéias expressas taquigraficamente numa imagem, numa expressão. Sua característica mais geral é que envolvem sempre uma operação semelhante à metáfora, pois os símbolos são objetos sensíveis que são aplicáveis a entidades abstratas e não sensíveis" (Epstein, 1991: p. 70).

² S. m. 5. Farda ou vestuário confeccionado segundo modelo oficial e comum, para uma corporação, classe, grupo de funcionários, etc. 6. Vestimenta padronizada para determinada categoria de indivíduos. 7. O conjunto do fardamento, insígnias de posto, graduação, função ou especialização, e de condecoração, em uso pelos militares. (*Novo dicionário eletrônico Aurélio Século XXI, versão 3.0*).

³ S. f. 1. Sinal distintivo de uma função, de dignidade, de posto, de comando, de poder, de nobreza, etc.; símbolo, emblema, divisa: etc.; 2. Sinal distintivo dos membros de uma associação, irmandade, grupo, etc.: (*Novo dicionário eletrônico Aurélio Século XXI, versão 3.0*).

⁴ S. f. 1. Veste talar, preta, usada por magistrados, advogados, funcionários judiciais, catedráticos e formandos de grau superior. 2. Fig. A magistratura. 3. Bras. Fam. Roupa, traje. (*Novo dicionário eletrônico Aurélio Século XXI, versão 3.0*).

⁵ S. f. 1. Manto de lã, amplo e comprido, usado pelos antigos romanos. 2. Vestuário de magistrado; beca. (*Novo dicionário eletrônico Aurélio Século XXI, versão 3.0*).

⁶ Sobre o conceito de conversão semi-ótica ver Loureiro, 1995. O conceito demonstra como um mesmo objeto pode ter diferentes significados, a depender do contexto do seu uso.

⁷ Estava escrito Agronômica, em vez de Agronomia.

⁸ Na turma de 120 alunos havia apenas 5 mulheres.

⁹ Segundo Danger, o rosa significa gentileza e mulheres (1973, p. 27).

¹⁰ Mantida a grafia e gramática original.

¹¹ Em itálico, acréscimo meu.

¹² Associação feita a uma ave canora de coloração predominante amarela, muito comum no Brasil (*Sicalis flaveola brasiliensis e S. f. pelzelni*).

¹³ *Syndicats ou syndicalistes jaunes*

¹⁴ *O menino do Dedo Verde*, de Raul Druon; *Verde Vago mundo*, de Benedito Monteiro.

¹⁵ *Rios correndo/ as cachoeiras tão zoando/ Terra molhada/ Mato verde que riqueza/ E a asa branca/Tarde canta, que beleza/Ai, ai o povo alegre/Mais alegre a natureza*. Gonzaga, Luiz e Zédantas. *A volta da Asa Branca*. Gonzaga, Luis. 50 anos de chão. Manaus, RCA.

¹⁶ *Quando o verde dos teus olhos/ se espalhar na plantação/ Eu te asseguro, num chore não, viu./Qu'eu voltarei, viu, meu coração...* Gonzaga, Luis. 50 anos de chão. Manaus, RCA.

¹⁷ Processo de intensificação da produção agrícola baseada na genética moderna, no uso de produtos agroquímicos e máquinas.

¹⁸ Brizola falava de um socialismo moreno durante suas campanhas eleitorais.

Bibliografia consultada e ou citada

A FRATERNIDADE É VERMELHA. "ROUGE". Krzysztof Kieslowsky. França/Polônia/Suíça: Look Films, 1994. 1 vídeo cassete (99 min). VHS, Ntsc, son., color. Legendado. Port.

A IGUALDADE É BRANCA. Trzy Kolory: Bialy. Krzysztof Kieslowsky. Polônia: CAB Productions / France 3 Cinéma / Le Studio Canal+ / MK2 Productions. Miramax Films, 1994. 1 vídeo cassete (89 min). VHS, Ntsc, son., color. Legendado. Port.

A LIBERDADE É AZUL. Krzysztof Kieslowsky. França, CEB Productions / Eurimages / France 3 Cinéma / MK2 Productions / Tor Studio, Miramax Films, 1993. 1 vídeo cassete (97 min). VHS, Ntsc, son., color. Legendado. Port.

AUMONT, Jacques. **A imagem. 2ed.** Campinas: Papyrus Editora, 1995. 317 p.

BANTON, Michael. **A idéia de raça.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O Verde Violentou o Muro.** São Paulo: Global, 1984.

BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos:** o universo das imagens que representam as idéias e os fenômenos da realidade. São Paulo: Publifolha, 2001.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números.** 17ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002. xli 996 p.

DANGER, Eric. **A cor na comunicação.** Rio de Janeiro: Fórum, 1973.

DRUON, Raul. **O menino do dedo verde.** Ed. José Olímpio, 2001.

EPSTEIN, Isaac. **O signo.** 4ec. São Paulo: Ática, 1991.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação.** São Paulo: Ed. Blücher, 1990. 223 p.

FRIELING, Heirich. **Influence psychologique et dynamisme des couleurs dans les interieurs.** Paris: Musterschimidit, 1964. 70 p.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário eletrônico Aurélio Século XXI,** versão 3.0.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido:** mitológicas. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MONTEIRO, Benedito. **Verde Vago Mundo.13a ed.** Brasília: Ebrasa, 1972.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica.** Uma poética do imaginário. Belém, CEJUP, 1995. 448 p.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente.** Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

PEIXOTO, Luiz. **Poesia de Luiz Peixoto.** Guanabara, Editora Brasil-América Limitada, 1964. 120 p.

PEREZ-RIOJA, J. A. **Diccionario de simbolos y mitos**. Madrid: Tecnos, 1962.

ROZESTRATEN, Reinier J. A. **Os sinais de trânsito e o comportamento seguro**: manual para compreender os sinais de trânsito e aprender o que deve ser feito na sua presença. Porto Alegre: Sagra – DC Luzatto, 1994.

VIEIRA, Maria Antonieta. À procura das bandeiras verdes. Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental. **VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural**. 25 a 29 de novembro de 2002. Porto Alegre – Rio Grande do Sul.